



O futebol como instrumento de criação e representação de identidade na telenovela – o caso “Juvenal Antena”¹

Roberta Oliveira²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Avaliar o diálogo entre futebol e telenovela, formas pelas quais a noção de identidade brasileira se apresenta, representa, transmite conceitos e se modifica. Usando personagens apresentados nas produções da Rede Globo e, especialmente, Juvenal Antena, um dos protagonistas da novela **Duas Caras**, de 2007/2008, discutir como uma preferência futebolística pode ser um fator de aproximação do público com um personagem fictício.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, futebol, telenovela.

Introdução

Podemos avaliar a construção, a apresentação e a representação da identidade do Brasil por meio de diferentes filtros. Um deles seria o futebol, que chegou ao país no fim do século XIX, com o tempo, ganhou status de esporte que mais desperta paixões e interesse, além do potencial de uso político e comercial. Assim, acompanhou as mudanças do contexto que estava inserido, tornando-se, mais que um jogo, uma forma de idealização do ser “brasileiro” (através da seleção) e “do torcedor” (a partir da experiência compartilhada pelo grupo de admiradores de cada clube) e de estabelecimento de identidades e alteridades diante dos adversários.

Outro filtro é a telenovela, que chegou ao Brasil em meados do século XX, fruto de uma evolução da forma de narrativa de histórias para grandes públicos: desde o folhetim francês, passando pela *soap-opera* norte-americana que originaram as radionovelas latino-americanas. Na televisão, além de preenchimento da grade, as novelas permitiram que as tramas narradas no rádio ganhassem imagens e entrassem na casa das pessoas – de forma precária e irregular nos primórdios e ganhando características cada vez mais especializadas e profissionais. Sem perder a herança do vínculo comercial com patrocinadores (vindas da *soap-operas*), a telenovela é um campo de expressões identitárias e contextos sociais e econômicos de diferentes períodos da história do Brasil.

Portanto, este artigo é uma tentativa de levantar as relações entre estas duas maneiras de analisar a manifestação da identidade brasileira. Após levantamento de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do PPG-COM/FACOM, UFJF. E-mail: bluebeta.13@gmail.com



personagens ligadas ao futebol nas telenovelas produzidas na Rede Globo, o objeto será o líder comunitário Juvenal Antena, um torcedor fanático do Botafogo, personagem interpretado por Antônio Fagundes na novela **Duas Caras**, exibida entre outubro de 2007 até maio de 2008. A análise será feita a partir de pesquisa bibliográfica de estudos sobre identidade, futebol e telenovela; além da análise das repercussões sobre o personagem em sites esportivos e de torcedores.

Identidade do Brasil em campo e na telinha

Os estudos sobre identidade apontam que ela se tornou uma celebração móvel. Stuart Hall (2006) ressalta que elas estão deslocadas e fragmentadas – fora do seu centro, de onde conseguiam estabilizar o mundo e permitir a utopia do indivíduo integrado. Assim, há também a mudança da identidade de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, podendo ser conquistada ou perdida. Em âmbito maior, há a influência na **representação** do indivíduo na sociedade. A cultura nacional pode ser vista como uma entidade política e um sistema que usa a narrativa para unir as pessoas em torno da ideia de participação nesta comunidade simbólica que compartilha um contexto de valores, representações e sentidos.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* (sic) – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (...) As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com o quais podemos nos *identificar* (sic), constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que delas são construídas. (HALL, 2006, p. 50-51)

O jornalista Marcos Guterman estudou o paralelo entre a história e consolidação do futebol com o estabelecimento de uma identidade brasileira. Importada pelos filhos de famílias ricas, a modalidade começou disputada de forma amadora, em clubes da elite. E, de forma paralela, a prática por operários e populares se difundia nos campos de várzea. Não demorou a se tornar uma via de canalização da violência e de controle social, mantendo a segregação racial. Com a ascensão de Getúlio Vargas, foi profissionalizada, tornou-se um instrumento de poder, de veículo para a política do nacionalismo. Uma vitória na Copa de 1950, no Brasil, seria a afirmação desta identidade moderna brasileira – no entanto, voltou-se ao conceito antigo e recaiu sobre os jogadores negros a culpa da derrota para o Uruguai. A vitória viria com um time



repleto de mestiços – como Garrincha – e com um jovem talento negro – Pelé – em 1958, na Suécia. A pátria de chuteiras seria reafirmada com o bicampeonato em 1962, no Chile. O impulso para o futebol veio com a meta da ditadura militar de “unir” o país: em 1969, foi criada a Loteria Esportiva, com jogos de todos os estados e a criação de um torneio realmente nacional, o Campeonato Brasileiro, disputado a partir de 1971. Guterman destaca que o fato da Copa do Mundo de 1970 ter sido a primeira transmitida ao vivo para o país pela televisão, consolidou-a como veículo de informação e entretenimento, fez com que todos os brasileiros se sentissem no estádio.

Esse “sentido de proximidade” é próprio do futebol, como salientou o pensador francês Alain Touraine, em artigo na Folha de São Paulo, por ocasião da Copa de 1998. Touraine diz que “na sociedade capitalista contemporânea, que acelera a produção de um sistema, gerando isolamento e desenraizamento, o futebol produz relações de proximidade e identificação entre pessoas que, em muitos casos, encontram-se espalhadas pelo mundo”. Com a televisão, esse potencial é elevado praticamente ao infinito e, levando-se em conta o fato de que a transmissão ao vivo era uma novidade tecnológica excitante, é praticamente impossível dimensionar exatamente a explosão de sentimentos que a Copa de 1970 proporcionou aos brasileiros. (GUTERMAN, 2009, p.181)

Guterman lembra que, após 1970, foram 24 anos de fracassos e crise na identidade brasileira, nos campos, na política e na sociedade. Após a abertura política, um início da redemocratização marcado por inflação e planos econômicos malsucedidos. Com a estabilização apenas no Plano Real, na mesma época em que o Brasil assumiu novamente a hegemonia do futebol, com o quarto título, em 1994, na Copa dos Estados Unidos. Nas duas Copas seguintes, a seleção alcançou a final, sendo derrotada em 1998 e vencedora em 2002, tornando-se a única pentacampeã mundial. No entanto, em 2006 e 2010, o favoritismo não evitou a eliminação e o Brasil busca uma nova identidade – vencedora – para se afirmar na próxima Copa, em 2014, quando realizará o evento. Quarenta anos depois de criado – e com algumas cisões (torneios paralelos e/ou substitutos em 1987 e 2000), o Campeonato Brasileiro mobiliza o país, mesmo sem ter times de todos os estados e regiões. Todas estas histórias, alegrias e tristezas contadas pela transmissão e cobertura da televisão, cada vez mais investindo em atualizações tecnológicas e de linguagens para cativar, atrair e manter o telespectador.

De acordo com ORTIZ, BORELLI e RAMOS (1989), a TV chegou ao Brasil em 1950. E em 1951, a TV Tupi veiculou a primeira novela – **Sua vida me pertence**, de Walter Forster. Nesta fase inicial, sem regularidade na exibição, histórias com estruturas



maniqueístas e o texto prevalecendo sobre as características visuais, havia muitas novelas infantis e adaptações de textos estrangeiros. Neste período, começam a aparecer os grandes anunciantes, mas o que confere prestígio ao veículo é o teleteatro.

Na década de 60, aumenta o número de aparelhos de televisão no Brasil – começa a se implantar como um veículo de massa. A TV Excelsior se destaca por organizar a programação. A primeira novela diária foi importada da Argentina, **2-5499 ocupado**, sob patrocínio da Colgate-Palmolive. Com o advento do videoteipe, a novela entrou para o cotidiano e superou o prestígio do teleteatro. Tramas como **Antônio Maria** e **Beto Rockfeller**, mudam o perfil do protagonista, que deixa de ser o herói folhetinesco e conectam a telenovela ao ambiente cultural do momento. A Rede Globo surge em 1965 e se estabelece na virada dos anos 70, investindo em padrões de excelência no campo empresarial, de estabilização da programação e de qualificação da ficção televisiva (centrada na telenovela). Beneficiando-se da criação e ampliação do sistema de telecomunicações, com apoio técnico estrangeiro (através da parceria com o grupo americano Time-Life), institui uma rede ampla e eficaz de cobertura.

Conforme ORTIZ, BORELLI e RAMOS (1989), o governo militar não queria perder o controle do que era exibido na televisão, para que conseguir o desenvolvimento de uma cultura brasileira e identidade nacional compatíveis com suas premissas.

(...) o objetivo do Estado era conseguir que “somente o talento e a criatividade, sem apelações, deem Ibope nos programas da televisão brasileira”. Estas duas preocupações, uma “nacionalista-autoritária”, outra preocupada com o “nível cultural” das programações, vão depois se cristalizar na Política Nacional de Cultura, publicada em 1975. Neste documento emerge com clareza a preocupação com o “homem brasileiro”, cuja “espontaneidade” “estaria ameaçada pelos meios de comunicação de massa e pela racionalização da sociedade industrial”. Por isso, em um de seus pontos básicos, se exprimia a necessidade de “difundir a cultura através dos meios de comunicação de massa”, ao mesmo tempo em que se assegurasse “o uso dos meios técnicos de comunicação como canais de produção cultural qualificada”³ (ORTIZ, BORELLI e RAMOS, 1989, p.85).

A Rede Globo, entre 1970 e 1980, assume a liderança entre as emissoras produtoras de telenovelas, superando Tupi (que apresentava três horários, mas em programação ainda irregular) e Excelsior (que teve a concessão cassada em 1970). No fim da década, sem concorrência (a Tupi fecharia em 1980) a Globo extingue o horário das 22h – assumindo a hegemonia do espaço ficcional da televisão brasileira.

³ Os autores citam trechos da Política Nacional de Cultura, MEC, Brasília, 1975.

O processo de sedimentação das telenovelas da TV Globo se dá paralelamente à cristalização de uma dramaturgia diversificada. Um primeiro ponto a destacar é o definitivo abrasileiramento do gênero; as histórias atravessam um período de nacionalização do texto, das temáticas e mesmo de procedimento de linguagem televisiva. Descartam-se os textos melodramáticos importados, e as adaptações se restringem aos romances, nacionais e estrangeiros. (...) Cabe ressaltar que o realismo concebido pelos autores neste período, visa responder a uma questão central: como retratar, discutir e criticar a realidade brasileira? (ORTIZ, BORELLI e RAMOS, 1989, p. 93)

A pesquisadora Esther Hamburger destaca que o gênero capta e expressa mudanças em curso, “representa e constrói a realidade em direções imprevistas e não planejadas” (HAMBURGUER, 2005, p.154). Ela ressalta ainda que, sem deixar de lado a vocação melodramática, as novelas se tornaram vitrines privilegiadas do que significava ser “moderno”: estar sintonizado com a moda e comportamentos contemporâneos.

Telespectadores se apropriam do repertório da novela, sabidamente de domínio público dos brasileiros, para se posicionar em termos reconhecíveis a todos. Assim, ao tomar partido de um personagem em detrimento de outro, um telespectador ou telespectadora está também se posicionando em relação à interpretação de seus próprios dramas. As novelas podem ser compreendidas como um imenso repertório de histórias, personagens, comportamentos de domínio comum aos brasileiros. (HAMBURGUER, 2005, p.151)

Em plena época de crise identitária, a novela lida com a apresentação de identidades dentro de uma trama ficcional que pretende representar a realidade em determinado contexto social e temporal. Como lembra Aline Silva Correa Maia (2007), os meios de comunicação massivos, em especial a televisão, são agentes fabricantes de sentidos que reproduzem e também definem a realidade. Assim, encontramos na telenovela uma estrutura formal propulsora de identidades, que trabalha a experiência do telespectador, para apresentar personagens que ratificam valores e conceitos.

Da mesma forma que a telenovela levanta temas, ressaltando e apagando identidades, Marcelo Fila Pecenin (2007) diz que o vínculo do brasileiro com o futebol chega ao ponto das expressões relacionadas ao jogo invadirem o campo da linguagem cotidiana, ganhando novos sentidos, criando metáforas caracterizadoras da nossa cultura “futebolinguística”. “É possível concluir que o futebol é parte integrante da identidade nacional brasileira, de modo que qualquer coisa que se enuncie sobre o nosso futebol já é uma forma de construir discursivamente a identidade do Brasil”. (PECENIN, 2007 p.2). Assim, ele cita que o brasileiro “pisa na bola” quando erra, dá “olé” nos problemas e até “pendura as chuteiras”, seja homem ou mulher. E numa comprovação da absorção



das demais características identitárias do país, no jargão do jornalismo esportivo, o termo “novela” é usado quando um clube está envolvido em alguma situação (administrativa ou relativa à contratação, comportamento ou dispensa de algum jogador) que leva muito tempo para ser resolvido.

Em estudo sobre a relação entre futebol e telenovela, Mauro Alencar (2002) ressalta que ficção e realidade se misturam tanto que a notícia passa a ser gerada a partir da ficção. A novela é um referente, a partir do qual temas passam a circular entre a população tornando-se familiares, favorecendo a sua retomada em outros universos de discurso além do ficcional, ajudando na formação da memória. Ele diz que, em diversos momentos o futebol entrou na novela e a novela entrou no futebol, tudo para dar maior realidade à ficção e maior magia à realidade. A função desses dois eventos é entreter o público, dar-lhe vazão às emoções, ajudá-lo a montar a sua própria história.

E quando novela e futebol batem bola?

Mauro Alencar (2002) analisa que a formação de uma memória coletiva do povo brasileiro passa por pensar obrigatoriamente pelo futebol e pela telenovela, elementos culturais que fazem parte da história mais recente do país. Afinal de contas, ambos conseguem atrair e se dirigir a um público muito amplo, além de fronteiras geográficas, causando envolvimento, emoções, identificação com seus “atores” – os jogadores, no futebol; as personagens, na telenovela (ALENCAR, 2002, p.1). Nada mais natural que o cruzamento destas trajetórias, onde a relação do brasileiro com o futebol é gancho ou motivação para tramas ou caracterização de personagens.

De acordo com estudos na área de telenovela, no geral e na Rede Globo, a primeira obra a mencionar o futebol foi **Irmãos Coragem**, de Janete Clair, em 328 capítulos, exibida no horário das 20h, entre 8 de junho de 1970 (coincidindo com a reta final da Copa do Mundo do México, que terminaria no dia 21 com o tricampeonato brasileiro⁴) a 12 de junho de 1971. O personagem Duda Coragem, interpretado por Cláudio Marzo na versão original (e Marcos Winter, no *remake* na década de 1990), era um famoso jogador do Flamengo⁵. Tornou-se um marco por ser a pioneira a levar elementos ligados ao universo masculino (futebol, garimpo, a inspiração no faroeste e ação) para o gênero marcado pela relação identitária com o feminino – o resultado: a

⁴ O capítulo de segunda-feira da novela teve mais audiência que a final da Copa de 1970, disputada no domingo.
Fonte: <http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2011/03/voce-sabia-irmaos-coragem-deu-mais-audiencia-que-copa-de-1970.html>

⁵ Para criar o personagem, a autora contou com a assessoria do jornalista esportivo João Saldanha. Ver em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-223586,00.html>



telenovela passou a chamar a atenção dos homens, ampliaria seu público-alvo e misturou o que era realidade com o que era ficção.

As cenas de jogo eram filmadas durante as partidas reais do time. Em um jogo de Flamengo e Botafogo, o ator entrou em campo junto com o time do Flamengo, participou do jogo até serem realizadas as filmagens necessárias e, segundo o relato do próprio ator, só depois, quando saiu de campo, é que a torcida percebeu o que estava ocorrendo. A novela invadiu o futebol, era a ficção misturando-se à vida real. (ALENCAR, 2002, p.9-10)

Entre 1971 e 1972, em 179 capítulos exibidos às 22h, **Bandeira 2**, de Dias Gomes levou o subúrbio carioca para a telenovela ao abordar a rotina de uma escola de samba, o jogo do bicho e discutir o papel da mulher na sociedade. E havia um jogador de futebol, Mingo⁶ (Osmar Prado), que jogava no time apadrinhado pelo bicheiro Tucão (Paulo Gracindo, protagonista da trama).

O futebol voltaria com destaque nas novelas da Rede Globo na década de 80, no horário das 19h, em **Vereda Tropical**, escrita por Carlos Lombardi e Sílvio de Abreu. Ambientada em São Paulo, tinha como protagonista o atacante Luca (interpretado por Mário Gomes), que perambulou por times do interior, foi disputado por duas personagens da novela, terminou com a mocinha e jogando no Corinthians. A gravação da cena do último capítulo rendeu nova confusão entre realidade e ficção:

Quando o centroavante do Corinthians, Serginho, marcou seu segundo gol, Mário Gomes invadiu o campo, com uniforme do clube, e partiu para abraçar o autor do gol. Diante do fato inesperado, o juiz da partida, ficou confuso por alguns segundos, mas expulsou Mário Gomes do gramado.

Outro fato curioso marcou a gravação da cena: irritados com o empate, obtido pelo Vasco quase ao final do jogo, os torcedores corinthianos protestaram contra o mau desempenho de seus jogadores gritando: “Luca, Luca, Luca”, pedindo a entrada do personagem em campo. (Você sabia?: Luca, de Vereda Tropical, entrou em campo de verdade, 03/09/09)

Em seguida, em 1991, a novela de época **Salomé**, exibida no horário das 18h, mostrou o início da profissionalização do futebol, na trama do personagem Guto (Jandir Ferrari). O futebol seria mencionado na *soap-opera* adolescente **Malhação**, exibida desde 1994, de segunda a sexta, no fim da tarde na Rede Globo. Em 1997, a participação do atacante Ronaldo Fenômeno como treinador de um time de futebol feminino marcou a saída da trama da personagem Mariana (Susana Werner, na época, namorada do jogador na vida real). No mesmo ano, novamente no horário das 19h, em

⁶ O ator contou com a assessoria de Mané Garrincha na criação do personagem. Fonte: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-229762,00.html>



Zazá, a filha caçula da personagem-título, Sissi (Raquel Ripani) queria ser jogadora de futebol e ganha o empurrão da mãe (Fernanda Montenegro) que contratou um professor, Pedro (Roberto Bataglini), para cuidar dela⁷. Fechando a década, em 1999, na novela das 20h, **Suave Veneno**, de Aguinaldo Silva, havia a trama de Renildo (Rodrigo Faro) que se destacava como jogador do Flamengo e se tornava alvo de Marina (Deborah Secco), garota que o desprezava enquanto ele era desconhecido. Da mesma forma como acontecera 15 anos antes com Mário Gomes, houve gravações durante partidas reais e a torcida, irritada com o time, pediu a entrada em campo do jogador da ficção⁸.

Nos anos 2000, o futebol retornou ao horário das 19h, na novela **A Lua me Disse**, escrita por Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, exibida em 2005. A adolescente Julieta (interpretada por Fernanda Rodrigues) é descrita na sinopse da novela no site Memória Globo como uma “amante de futebol”⁹.

Agora em 2011, o futebol voltou à trama da *soap-opera* **Malhação**, nas aventuras e desventuras do goleiro Maicon (Marcelo Melo) que estuda porque o clube obriga e ganhou uma bolsa para o Colégio Primeira Opção – ponto de encontro de todas as tramas da atual temporada. E em mais uma ponte com fatos reais, o autor Emanuel Jacobina usa o personagem para homenagear o goleiro Barbosa – que foi um dos jogadores a quem a opinião pública atribuiu a culpa pela derrota para o Uruguai, na Copa de 1950 (episódio conhecido como *Maracanazo*). Sessenta e um anos depois do jogo e 11 depois da morte de Barbosa, o goleiro da ficção trata o goleiro da vida real como um santo a quem venera e pede conselhos¹⁰.

No entanto, também há personagens torcedores na telenovela: em **Vira-Lata**, exibida às 19h, em 1996, o protagonista Bráulio Vianna (Murilo Benício) era um vascaíno fanático. Em 2011, no horário das 20h, em **Insensato Coração**, o fato do protagonista Pedro Brandão (Eriberto Leão) ser gremista foi comemorado pelo clube, cuja assessoria divulgou o seguinte release para a imprensa:

Interpretado pelo ator Eriberto Leão, **o protagonista da novela Insensato Coração, da rede Globo, Pedro Brandão anunciou mais uma vez ser um torcedor do Grêmio**. Na cena que foi ao ar no dia 30 de maio, Pedro entrava na

⁷ A novela teve a participação do atacante Renato Gaúcho como treinador de um time feminino
<<http://videoshow.globo.com/VideoShow/Noticias/0,,MUL1539996-16952,00-CURIOSIDADE+RENATO+GAUCHO+FEZ+PARTICIPACAO+ESPECIAL+NA+NOVELA+ZAZA.html>>

⁸ Fonte: Doença tira Renildo do Futebol. <<http://www2.uol.com.br/tododia/ano99/agosto/dia19/teve.htm>>

⁹ Fonte: A Lua me Disse: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-230637,00.html>

¹⁰ Matéria veiculada pelo Canal Sportv: <http://sportv.globo.com/extra/Ex-goleiro-Barbosa-e-tratado-como-santo-em-novela-da-TV.shtml>



boate Barão da Gamboa discutindo futebol com André, personagem de Lázaro Ramos. **“Você vai falar do América agora? O cara que é de Florianópolis e torce pelo Grêmio, que é de Porto Alegre, vai falar do meu time?”** disse André. **“Eu já te contei que o meu tio era gremista fanático, me levava direto no Olímpico! Fica sabendo que em Florianópolis tem até flamenguista** – revelou Pedro.

Na trama, Eriberto Leão tem família gaúcha e viveu em Porto Alegre durante um período da vida e sempre que fala em futebol destaca sua paixão pelo tricolor gaúcho, o Grêmio. O presidente do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Paulo Odone, comemora dizendo “Esta é a primeira vez que um time gaúcho é citado de forma tão contundente em horário nobre”. E entrará em contato com o com autor e diretor da novela e o ator que interpreta o Pedro para agradecer. (grifos originais)¹¹

E na mesma novela, os autores Gilberto Braga e Ricardo Linhares usaram o futebol como um recurso dramático. Ainda nos primeiros capítulos, a executiva Carol (Camila Pitanga) descobriu que ela e o designer André (Lázaro Ramos), torciam para o América do Rio de Janeiro e o convidou para assistir a um jogo, uma forma de se aproximar do homem em quem estava interessada¹². Sendo que o clube divulgou no site oficial¹³ a menção que seria feita na novela, com alguns equívocos (disse que era dirigida por Gilberto Braga que, na verdade, é o autor da trama).

Mauro Alencar (2002, p.9) lembra que a novela e o futebol, “duas paixões nacionais”, seduzem até seus “artistas”: jogadores de futebol sonham em ser artistas de novelas (e alguns fazem participações como eles mesmos ou papéis fictícios); atores sonham em ser jogadores de futebol (o Brasil é campeão mundial da Copa do Mundo de times formados por atores). Ao misturar ficção e realidade, a novela se torna ainda mais viva para o público, que se sente participando dela junto dos ídolos do futebol.

Em sites de buscas sobre informações e histórias de novelas, no Memória Globo e mesmo em textos acadêmicos, não foram encontrados mais registros sobre outros personagens de telenovela que fossem torcedores. É certo que deve haver mais menções que as citadas neste artigo, no entanto, elas não foram consideradas de relevância na trama principal para os registros em fontes de pesquisa. No entanto, pode-se considerar uma exceção foi o personagem Juvenal Antena, criado por Aguinaldo Silva e interpretado por Antônio Fagundes, que é o objeto deste artigo a partir de agora.

Juvenal Antena: o torcedor fanático na novela das 20h

¹¹ Release enviado por e-mail pela empresa Eliana Camejo Comunicação Empresarial para jornalistas no dia 01/06/11.

¹² Os bastidores da cena estão no site da novela: <http://insensatocoracao.globo.com/Vem-por-ai/noticia/2011/02/carol-e-andre-se-esbaldam-torcendo-em-jogo-do-america.html>

¹³ Ver em <http://www.america-rj.com.br/noticias/noticia.php?id=1486>



Nos 210 capítulos da telenovela **Duas Caras**, foram discutidos temas como educação, a favelização do Rio de Janeiro, dramas familiares, diferenças de classe, entre outros. Conforme sinopse no Memória Globo¹⁴, na primeira fase, Juvenal Antena, um dos protagonistas, era o chefe de segurança de uma construtora que trouxera imigrantes nordestinos para trabalhar em uma obra que não foi concluída. Então, ele se uniu aos trabalhadores, liderou a invasão a um terreno vizinho, onde criou, junto com outras lideranças daquele grupo, a favela da Portelinha.

Na segunda fase, dez anos depois, Juvenal já era o líder e referência da comunidade, que a comandava conforme seus valores: violência e drogas não eram permitidas, destoando do estereótipo relacionado às favelas fluminenses. Na trama, houve apenas um confronto violento na Portelinha, durante a invasão por uma quadrilha de traficantes que queria dominar o local, mas foram expulsos¹⁵. Nesta etapa da trama, Juvenal tem um relacionamento com Alzira (Flávia Alessandra), mãe de família que fingia ser enfermeira, mas, à noite, fazia apresentações de *pole dance* em uma boate para conseguir dinheiro para pagar uma cirurgia de coração para o marido, Dorgival (Ângelo Antônio), que tentou matá-lo duas vezes e infartou após vê-lo vivo. Também ao longo da trama, os métodos de governo de Juvenal foram contestados pelo afilhado e braço-direito Evilásio (Lázaro Ramos) e eles se tornam concorrentes ao cargo de vereador. No fim, Juvenal desiste, continua como líder comunitário e o afilhado é eleito.

Durante a telenovela, ficou bem claro desde o início da segunda-fase, quando o público passa a ter um maior acesso à intimidade do personagem: ele era um torcedor fanático do Botafogo Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro. Diferentes objetos com o símbolo do clube faziam parte dos cenários freqüentados por Juvenal, tanto na casa dele quanto na sala onde atendia aos moradores da Portelinha. O toque do celular dele era o hino do clube. O fato mereceu cobertura do site GloboEsporte.com. O jornalista Thiago Dias entrevistou o autor sobre os motivos da escolha do time de um dos protagonistas.

- Quando comecei a escrever, ele seria rubro-negro. Mas pensei: o Flamengo já tem mídia demais! Resolvi que o Juvenal seria botafoguense, pois é um clube grande e sempre é tratado como um time exótico - explica o autor, por telefone, ao GLOBOESPORTE.COM, completando: - Meus amigos botafoguenses sempre me pediam para colocar alguma coisa do clube. O Botafogo já teve alguns dos maiores jogadores do Brasil, como o Garrincha.

¹⁴ Link da novela Duas Caras no site Memória Globo:

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-259133,00.html>

¹⁵ No entanto, duas moradoras da Portelinha morreram: Rebeca (Paola Crosara) filha do pastor e a mãe de santo Bina (Chica Xavier), cujo coração não resistiu à tensão.



O curioso é que nem Aguinaldo nem Antonio Fagundes são botafoguenses. O primeiro é torcedor do Flamengo, enquanto o ator, que já revelou não acompanhar muito futebol, diz ter simpatia pelo Corinthians.

E no diálogo entre novela e realidade, houve também uma matéria do Video Show sobre a paixão futebolística do personagem (entre outras, as cenas mostram ele comemorando uma caneca de **chopp** do time que ganhou de presente e diversos os itens e fotos alvinegros espalhados no cenário) e também entrevistaram jogadores (de então) do Botafogo, comentando sobre como era ver um torcedor em horário nobre: o volante Túlio destacou a cena em que todos pensam que Juvenal teve um ataque de catalepsia e o Evilásio diz “meu Deus, essas coisas malucas só acontecem com você, Juvenal Antena, e com o Botafogo”, além de autografarem uma bola e uma camisa para o personagem – entregues ao ator Antônio Fagundes e incluídos entre os objetos do Juvenal na novela. No encerramento da matéria, o ator revelou como o futebol permitiu uma maior proximidade do personagem para o público:

Eu vou dizer uma coisa para vocês, particularmente eu não torço para time nenhum. Tem tanto time bom aí que torcer para um é deixar de torcer pros outros bons. Gosto de bom futebol, mas não tenho nenhum time do coração. Esse negócio do Juvenal ser do Botafogo está sendo tão legal, está aparecendo gente tão boa que eu vou torcer para na próxima novela eu tenha outro time para poder contracenar com estas pessoas tão maravilhosas e tão gentis e o Juvenal, com certeza, vai adorar esse presente. (Botafogo Homenageia Juvenal Antena, acesso pela internet, em 28/02/2008.)

Esta matéria do Video Show foi assunto de outra reportagem da cobertura do Botafogo no GloboEsporte.com: o pedido do técnico Cuca para que não fossem tiradas fotos das gravações, para que não soasse como uma provocação ao Vasco, o próximo jogo pelo Campeonato Carioca (ROTSTEIN, 2008, acesso pela internet). E o fato do personagem ser torcedor do time rendeu comentários de outros torcedores famosos, como a atriz Fafy Siqueira, que comentou no blog pessoal sobre a expectativa de participar de três capítulos da novela: “Vou rever alguns amigos queridos e quem sabe conhecer Juvenal Antena que é fanático pelo Botafogo como eu.”¹⁶

Ter uma exposição gratuita e diária no horário nobre da televisão aberta brasileira poderia representar uma grande oportunidade comercial. A produção da novela pediu ao departamento de marketing – e recebeu – produtos oficiais alvinegros (cf. Fogão manda kit para Duas Caras, 2007, acesso pela internet). No entanto, o

¹⁶ SIQUEIRA, Fafy. Passeio pela “Portelinha” 29/03/2008. Disponível em <<http://bloglog.globo.com/blog/blog.do?act=loadSite&id=36&mes=3&ano=2008>> Acesso em 15 de junho de 2011.



jornalista (e botafoguense) Roberto Porto, reclamou que ainda poderia ter sido melhor para o clube.

E torno a perguntar: – O que fez o departamento de marketing do Botafogo para retribuir essa impagável divulgação do clube pelo Brasil?

Uma vez mais, me sinto incapacitado de responder. Pelo que fui informado, somente a *Fogão Shop* abasteceu *modestamente* os estúdios da *Rede Globo de televisão*, com os já citados símbolos. Nunca, jamais, em tempo algum, o Glorioso do meu coração foi tão divulgado por esse imenso Brasil. Nunca, jamais, em tempo algum, Flamengo, Vasco, Fluminense, Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos tiveram suas cores e escudos mostrados escancaradamente por uma rede de televisão que é a mais assistida do país. A divulgação foi de tal ordem que o toque de telefone celular de *Juvenal Antena* executava o hino do Botafogo, composto na década de 40 pelo torcedor do América carioca Lamartine Babo. E como o Botafogo não se manifestou, o marketing ignorou e a diretoria não homenageou uma única e escassa pessoa da *Globo*, faço eu aqui deste modesto mas muito (e bem) freqüentado Blog:

Obrigado, Aguinaldo Silva!

Obrigado pela simpatia que você pretendeu espalhar pelo Brasil e que o desorganizado Botafogo – não foi surpresa para mim – foi incapaz de retribuir, principalmente por ter vindo de um rubro-negro moderado como você. Obrigado por veicular a minha eterna e insuperável paixão pelos quatro cantos desse país, de norte a sul, de leste a oeste. Vou guardar essa homenagem em meu coração alvinegro. Acredite. (PORTO. 01/06/08. Acesso pela internet)

A exposição do Botafogo na mídia atraiu a atenção de torcedores dos outros times. No site www.flusocio.com.br, de torcedores do Fluminense, há uma postagem sobre a necessidade de ampliar a presença do clube na mídia. E nos comentários, houve a citação ao que havia acontecido com o rival alvinegro.

Lauro Aires - comentou em 5/04/2008, às 18:06

(...) Hoje em dia, imagem é guerra.

Até coisas banais funcionam. O tal do Juvenal Antena, na novela das 8, está potencializando a marca do Botafogo em horário nobre para todo o País. O herói da novela, torce para o Botafogo.

Cristiano - comentou em 5/04/2008, às 18:44

(...) Porque o clube não procura alguém na globo para estudar a colocação de um personagem tricolor em alguma trama.

A grande família por exemplo...

O Lineu e o falecido seu Floriano são tricolores...

Porque não explorar mais isso??? (Imagem institucional: preocupação crescente. 2008. Acesso pela internet.)

Sabe-se que nenhuma novela na Rede Globo entra no ar sem avaliação do departamento comercial e de marketing, que todos os possíveis merchandisings são acertados com antecedência para serem explorados ao longo da obra. Durante sete meses, o clube ganhou visibilidade através das menções feitas por um personagem torcedor fanático.



Amar um clube é muito mais que amar uma mulher. Ao longo da vida, troquei de namorada, sei lá, mil vezes. E outras mil fui trocado por elas, mas a recíproca não está em jogo. Jamais trocaria o Botafogo, nem por outro clube, nem por nada, neste mundo. (...) Nascia ali uma simpatia de mão única, pois o Botafogo nem sabia de minha reles existência. Não sabia, nem precisava saber. O futebol é assim: desperta na pessoa um sentimento virtuoso que transcende a amizade, que vai além do amor e culmina no santo desvario da paixão. Tem de tudo um pouco, porém, é mais que tudo. (NOGUEIRA, 2003, p.117-118)

As palavras do jornalista esportivo Armando Nogueira reafirmam a definição acadêmica de que pertencer a um clube é fazer parte de uma nação, com toda uma carga de representações mentais, um elo que não é rompido facilmente. Comprovando a definição de Vogel (1982) de que o brasileiro recebe no berço, o nome, a religião e o clube de futebol que o acompanha pelo resto da vida. E o último capítulo trouxe um exemplo disto: Alzira preferiu fazer carreira como dançarina de *pole dance* na Europa e, em meio aos enlaces de moradores da Portelinha, Juvenal diz: “Esse é o meu casamento. Essa é a minha vida. E mesmo que o mundo se acabe um dia, aquela estrela há de brilhar para sempre.” A imagem foca na bandeira do Botafogo na mesa dele, em primeiro plano, enquanto Juvenal puxa aplausos no segundo plano.

Conclusão

Vários autores concordam sobre a importância do futebol e da telenovela no processo de formação e na influência sobre os conceitos relacionados à identidade brasileira. Durante a elaboração deste artigo, o que chamou a atenção foi o pouco material específico encontrado sobre o encontro destes dois campos de estudo. Também merece destaque o fato de que, para o registro histórico e de pesquisas futuras sobre o tema, nem o site do Memória Globo e nem sites dedicados às telenovelas destacarem menções de alguns personagens torcedores, exceto em casos de protagonismo ou dos coadjuvantes que disputam a modalidade.

O pedido dos amigos de Aguinaldo Silva rendeu o acréscimo de uma característica a um personagem que caminhava na linha entre o herói e o vilão: o grande patriarca da Portelinha estava longe de ser perfeito (Juvenal tinha um grupo de ajudantes chamados de “os sete anões” que foram criticados pelo governo do Rio de Janeiro, que não gostou da menção à ação de milícias nas comunidades) e tomou atitudes condenáveis moralmente (o envolvimento com uma mulher casada, por exemplo). Mesmo assim, ele foi aprovado por torcedores alvinegros, que queriam vê-lo



até na estréia do time no Campeonato Carioca¹⁷. As constantes menções ao clube, feitas de forma natural e rotineira, criou a sensação de familiaridade e foi um caminho de aproximação do telespectador com o personagem. Até quem não compartilhava o gosto pelo time, viu em Juvenal Antena um torcedor fanático e apaixonado, como tantos que existem por aí.

“Epa, epa, epa. Muita calma nesta hora”, como diria o próprio Juvenal Antena. Não é o fato de ter personagens torcedores por este ou aquele time que trará sucesso a uma novela, independente de estilo e de horário de exibição. No entanto, desde a década de 1970, os autores investem em tramas e personagens mais próximas do cotidiano do telespectador, como uma forma de facilitar a compreensão e a identificação dele com o produto que lhe é apresentado diariamente. Para isso, ao delimitar os perfis incluídos em determinada história, os escritores lançam mão de diversas estratégias: desde as características físicas, a escalação de tal ator ou atriz, modismos como corte de cabelo, roupas, aspectos de personalidade, bordões e, claro, preferências futebolísticas. Pode acontecer em um contexto específico (algum jogo da seleção em Copa do Mundo) ou mesmo em provocações habituais entre torcedores adversários (como na cena comemorada pelo Grêmio em **Insensato Coração**). Claro que nenhuma inclusão será gratuita – como tudo em uma telenovela, deverá servir a um objetivo maior na trama. O fato é que, sabendo misturar, futebol e telenovela podem resultar em drama, comédia, suspense, histórias de vida, a matéria-prima que motiva aqueles que entram em campo e que estão na telinha – e a todos que estão assistindo a eles.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Mauro. **Futebol e novela na memória do povo**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BOTAFOGO homenageia Juvenal Antena. Rede Globo de Televisão: Video Show, Rio de Janeiro, 28/02/2008. Disponível em < <http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM796099-7822-O+BOTAFOGO+HOMENAGEIA+JUVENAL+ANTENA,00.html>>.

Acesso em 17 de junho de 2011.

DIAS, Thiago. **Fogão ganha destaque em “Duas Caras”**. Globoesporte.com, Rio de Janeiro, 12/10/2007. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Botafogo/0,,MUL149278-4399,00-FOGÃO+GANHA+DESTAQUE+EM+DUAS+CARAS.html>>.

Acesso pela internet em 15 de junho de 2011.

¹⁷ Ver <http://blogdopcguiima.blogspot.com/2008/01/juvenal-antena-na-estria-do-botafogo-no.html>



FOGÃO manda kit para Duas Caras. Globoesporte.com, Rio de Janeiro, 25/10/2007. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Botafogo/0,,MUL157404-4399,00-FOGAO+MANDA+KIT+PARA+DUAS+CARAS.html>>. Acesso pela internet em 15 de junho de 2011.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão do popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMBURGUER, Esther. **O Brasil antenado**: A sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

IMAGEM institucional: preocupação crescente. 05/04/2008. Disponível em <<http://flusocio.com.br/blog/2008/04/05/imagem-institucional-preocupacao-crescente/>>. Acesso em 15 de junho de 2008.

MAIA, Aline Silva Correa. **Telenovela, Projeção, identidade e identificação na modernidade líquida**. Revista e-compos. Agosto de 2007 - 2/14

NOGUEIRA, Armando. **A ginga e o jogo**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2003.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela – história e produção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

PECENIN, Marcelo Fila. **O grande contra o pequeno**: discurso e identidade na crônica futebolística brasileira. In: Estudos Lingüísticos XXXV, p. 1237-1246, 2006.

PORTO, Roberto. **O Botafogo todo dia na TV Brasileira**. 01/06/08. Disponível em <http://portoroberto.blog.uol.com.br/arch2008-06-01_2008-06-07.html>. Acesso em 15 de junho de 2011.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Sílvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela – história e produção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

ROTSTEIN, Gustavo. **Presente especial para Juvenal Antena**. Globoesporte.com, Rio de Janeiro, 31/01/2008. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Botafogo/0,,MUL282498-4399,00.html>>. Acesso pela internet em 15 de junho de 2011.

VOCÊ sabia?: Luca, de Vereda Tropical, entrou em campo em partida de verdade. Rede Globo, portal Globo.com, Rio de Janeiro, 03/09/09. Disponível em <http://redeglobo.globo.com/Tv_globo/Noticias/0,,MUL1290502-16162,00-VOCE-SABIA+LUCA+DE+VEREDA+TROPICAL+ENTROU+EM+CAMPO+EM+PARTIDA+DE+VERDADE.html>. Acesso pela internet em 15 de junho de 2011.

VOGEL, Arno. **O Momento Feliz. – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional** (p. 75-115). In: DaMATTA, Roberto et alli. **Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.